

Indicadores

ES: década desafinada

ROBERTO GARCIA SIMÕES

Mais uma vez constata-se que, no período 1991/2000, o ES foi marcado pela combinação destoante entre continuidade secular da desigualdade de renda, redução da pobreza e melhorias em indicadores sociais básicos. Foi divulgada na semana passada a segunda edição do "Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil", pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, em parceria com o Ipea e a Fundação João Pinheiro.

Os 20% mais ricos ampliaram a sua fatia na renda de 64,3%, em 1991, para 65,2%, em 2000; no outro extremo, os 20% mais pobres sofreram uma ligeira redução da sua ínfima porção de 2,6% para 2,4%, nos mesmos anos. O índice de Gini permaneceu praticamente inalterado: 0,6. É o quinto menor índice do Brasil; o "menos ruim" dos Estados é o de SC: 0,56.

Ao mesmo tempo em que persiste a desigualdade de renda, a pobreza (renda domiciliar per capita inferior a R\$ 75,50 - 1/2 salário mínimo 2000) e a indigência (renda domiciliar per capita inferior a R\$ 37,75) declinaram no ES, comparando-se 2000 com 1991: A proporção de pobres caiu de 41,7% para 28% (nono lugar no Brasil); a de indigentes diminuiu de 18,4% para 10,7% (oitavo lugar). O percentual de crianças em famílias com renda inferior a 1/2 salário mínimo segue

preocupante ainda que tenha decrescido de 52,4%, em 1991, para 40,5%, em 2000. O Atlas aponta que houve um incremento das pessoas que têm mais de 50% de sua renda proveniente de transferência de Governo, incluindo previdência e "bolsas".

Ressaltando como a questão social é desafinada, nesse contexto de desigualdade, a redução da pobreza veio acompanhada da melhoria de indicadores sociais básicos confrontando-se 2000 com 1991: a mortalidade até um ano de idade desabou de 42,1 para 29,2 - ainda muito elevada para padrões desenvolvidos; o nível educacional (analfabetismo, anos de estudo, frequência à escola) melhorou. Alguns avanços estão muito lentos: no ES foi necessária uma década para aumentar em pouco mais de um ano a média de anos de estudo da população de 25 anos ou mais - que ainda é de 5,9 anos. Mas há mudanças significativas no amplo estrato da população pobre.

Será que essas mudanças sociais terão peso para pressionar e influenciar a desconcentração da renda? A música do "espetáculo do crescimento" será afinada?



ROBERTO GARCIA SIMÕES - professor da Ufes - escreve às quartas-feiras nesta coluna